

3

A Transdisciplinaridade como missão-dialógica da Cultura Religiosa na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

“Hoje a transdisciplinaridade oferece à universidade a ocasião e os meios para ser um imenso estaleiro no qual a aprendizagem tem a possibilidade de tornar-se um elemento responsável e parceiro da mudança social, econômica e política, de que o planeta tem necessidade de maneira crucial”.

Hélène Trocme-Fabre

Introdução

A compreensão da era moderna foi gerada no seio da universidade e marcada pelo uso da razão instrumental. Carlos Palácio afirma que *“o mundo moderno é a inversão da ordem intelectual do mundo cristão-medieval: a harmonia tornou-se separação, a síntese, ruptura. O resultado foi a fragmentação da experiência humana”*.¹

O pensamento cartesiano passa a ser critério das condições de possibilidade para o conhecimento da verdade e do bem. Esse pensamento hegemônico, centrado na dimensão intelectual é condição para *“a dominação da natureza através da tecnologia e ainda a dominação social na qual o outro também é transformado em objeto”*.² A racionalidade não consegue ser a única resposta com relação ao mundo, à sociedade e a Deus. Nesse contexto, a teologia se depara com o pensamento moderno e torna-se *“incapaz de abrir a reclusão da razão moderna na imanência da história à autêntica transcendência cristã. Desorientada, a teologia aventurou-se numa busca desesperada de legitimação.”*

³

Teóricos⁴ se confrontam na passagem da era moderna para a era pós-moderna. Uns assumem que as permanências parecem maiores que as rupturas. Outros teóricos, portanto se encontram em uma enorme diversidade de opiniões sobre a relação entre ambas.

¹ PALÁCIO Carlos. *Novos Paradigmas ou fim de uma era teológica?*, p. 84.

² Ibid., p. 85.

³ Ibid., p. 87.

⁴ Ibid., p. 88.

A experiência de Deus na pós-modernidade foi marcada por uma razão empirista forte que se sentiu capaz de construir explicações totalizantes do mundo e que está dominada pela idéia de um desenvolvimento histórico do pensamento humano.

João Paulo II, em sua luminosa encíclica *Fides et ratio*⁵, levantou seriamente este mesmo problema que hoje aflige a missão da CRE na pós modernidade

*“despontaram, não só em alguns filósofos, mas no homem contemporâneo em geral, atitudes de desconfiança generalizada quanto aos grandes recursos cognoscitivos do ser humano. Com falsa modéstia, contentam-se de verdades parciais e provisórias, deixando de tentar pôr as perguntas radicais sobre o sentido e o fundamento último da vida humana, pessoal e social”.*⁶

Marcada pela insegurança, pela pluralidade de caminhos a serem seguidos, a pós-modernidade transforma o desejo em vontade de consumir e o amor em desejo de possuir.

Teologicamente o eu que ama se expande doando-se ao objeto amado. Amar diz respeito à auto-sobrevivência através da alteridade. Nesse contexto surgem questionamentos que desafiarão e ao mesmo tempo apontarão caminhos para a missão da CRE. Entre eles a busca de sentido para a vida do ser humano na pós-modernidade.

Que compreensão de Ser Humano aflora com as novas teorias filosóficas, antropológicas, científicas, pedagógicas...? Em que essas novas teorias poderão enriquecer uma nova reflexão teológica?

Lançaremos, portanto, um olhar que buscará apresentar um mapa significativo e articulador sobre a antropologia presente em algumas ciências e suas novas teorias. No entanto, não pretendemos nos aventurar em uma análise profunda dessas teorias, pois não está nelas o nosso ponto de chegada nesta dissertação, e sim nosso ponto de partida.

⁵ *Fides et ratio*: Carta apostólica de João Paulo II sobre o diálogo entre Fé e Razão. Publicada pela editora Loyola, em 1998.

⁶ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Fides et ratio* sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 1998, n° 5, p. 12.

3.1

A Transdisciplinaridade e a PUC-Rio

*A PUC realmente remonta ao horizonte do infinito
porque para nós que temos asas,
as asas da fé, nada é pesado.*

Pe. Jesus Hortal, s.j
Reitor da PUC-Rio

Nosso campo de ação para o desafio de uma atitude transdisciplinar é a PUC-RIO. Conhecer o seu contexto favorecerá nossa ação.

Ela foi fundada em 1941 por Dom Sebastião Leme e pelo Pe. Leonel Franca, S.J., e reconhecida oficialmente pelo Decreto 8.681, de 15/01/1946. Pelo Decreto da Congregação dos Seminários, de 20/01/1947, a Universidade recebeu o título de Pontifícia. De acordo com os objetivos fixados em seus estatutos, a PUC-RIO visa proporcionar aos seus alunos um ensino caracterizado pela busca da excelência acadêmica e pela preocupação de assegurar uma formação completa da pessoa, inspirada numa visão cristã do mundo e geradora de um senso de responsabilidade e de serviço ao bem comum⁷.

A PUC-Rio é uma instituição de direito privado sem fins lucrativos que prima pela produção e transmissão do saber, baseando-se no respeito aos valores humanos e na ética cristã, visando acima de tudo o benefício da sociedade⁸.

Busca a excelência na pesquisa, no ensino e na extensão para a formação de profissionais competentes, habilitados ao pleno desempenho de suas funções. Esses profissionais são inseridos na realidade brasileira e formados para colocar a ciência e a técnica sempre a serviço do homem, colaborando através dos conhecimentos adquiridos na Universidade para a construção de um mundo melhor, de acordo com as exigências da justiça e do amor cristão.

A PUC-Rio também se compromete com a verdade, com o pluralismo cultural, o diálogo, a simplicidade no agir, a primazia do bem comum sobre os interesses individuais e o desenvolvimento do espírito de solidariedade⁹.

O Papa João Paulo II (1990), na Constituição Apostólica “*Ex Corde Ecclesiae*” afirma que “*a missão de acadêmicos e cientistas, vivida à luz da fé cristã, deve considerar-se preciosa para o bem das universidades onde ensinam*”. Prossegue ainda dizendo que a presença dos que ensinam “*é um contínuo estímulo*”.

⁷ PUC-Rio On Line. Disponível em www.puc-rio.br. Acessado em 30/04/2007.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

à procura abnegada da verdade e da sabedoria que vem do Alto”. Reafirmamos, assim, nosso compromisso de transmitir a verdade cristã através de um diálogo sincero, aberto e respeitoso. Uns dos elementos fundamentais para a identificação de uma Universidade Católica é a compreensão de que

*“enquanto universidade, é uma comunidade acadêmica que, dum modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados à comunidades. Enquanto católica, deve possuir as seguintes características essenciais: 1. inspiração cristã; 2. reflexão incessante, à luz da fé; 3. fidelidade à mensagem cristã; 4. empenho institucional ao serviço do povo de Deus e da família humana”.*¹⁰

O diálogo com a sociedade atual na Universidade se dá entre a realidade acadêmica e a fé cristã, ambas marcadas pela dinâmica de formação e aprofundamento de respostas pessoais e sociais aos desafios presentes no mundo atual. Será em função deste diálogo que poderemos refletir sobre as propostas principais, os objetivos, as metodologias e instrumentos mais adequados e as temáticas a serem abordadas em relação à Universidade como um todo.

3.1.1

A Universidade e a Catolicidade

*“A universidade precisa criar
um ambiente tal
que a sabedoria possa sentir-se
verdadeiramente em casa”.*

Felix Wilfred

Analisamos no primeiro capítulo dessa dissertação as três fases da universidade na história do saber sob a ótica de Hilton Japiassu.¹¹ A PUC-Rio nasce sob a época de declínio das universidades, por um rigor exagerado na especialização sem uma devida inclusão social. Seu sonho de uma função crítica diante da sociedade foi deixado em boa parte de lado pelo saber unidimensional. Nesse aspecto ocorre no seio da universidade uma grande ruptura entre fé e razão, tendo em conta que seu surgimento na história da humanidade se deu por

¹⁰ Constituição Apostólica “*Ex Corde Ecclesiae*”, n.º 5.

¹¹ JAPIASSU, Hilton. *O Sonho da Transdisciplinaridade e as razões da filosofia*, p. 24.

iniciativa da Igreja Católica como promotora de ciência e cultura para toda a humanidade.

A palavra *universo* é derivada do latim “*universum*” e significa unificado, reunido em uma unidade, o conjunto de tudo o que existe tomado como um todo. Universo significa o todo como união de todas as partes. Essa definição de universo nos interessa na dinâmica transdisciplinar já que ela compreende as partes e ao mesmo tempo o todo. Das definições dadas à palavra *universal* cabe em nossa dissertação aquela que o dicionário Aurélio define como “*o que não se atém a uma especialidade; que abrange quase por inteiro um campo de conhecimento, de idéias, de aptidões...*”¹²

A universidade inicialmente foi entendida como uma corporação de mestres e alunos, na busca da universalidade do saber. Com o tempo, passou a significar o estudo geral numa abertura a todo o tipo de conhecimento. Mais tarde significava toda instituição que se consagrava ao serviço de todo o saber, nos seus diferentes campos e métodos de análise. Hoje passa a ter como objetivo tornar-se “*o centro de criatividade e irradiação do saber para o bem da sociedade*”.¹³

Porém quando a catolicidade entra como adjetivo de universidade, insere-se nela uma qualidade a mais, como afirma João Paulo II. “*Numa Universidade Católica, a investigação compreende necessariamente: perseguir uma integração do conhecimento; o diálogo entre fé e razão; uma preocupação ética e uma perspectiva teológica*”.¹⁴

O concílio Vaticano II propõe através de *Gravissimum Educationis*, da *Optatam Totius* e da *Gaudium et Spes* que a Universidade Católica tenha como preocupação

“*o diálogo entre fé e ciência, a formação qualificada e o testemunho cristão em meio ao mundo. Afirma a necessidade da presença de uma cátedra ou mesmo faculdade de teologia, além da pastoral. Sublinha, contudo, a prioridade da qualidade sobre a quantidade nas universidades confessionais.*”¹⁵

¹² Cf. Dicionário Aurélio, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

¹³ *Ex Corde Ecclesiae*, nº 30.

¹⁴ *Ibid.*, nº 15.

¹⁵ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Declaração *Gravissimum educationis*, sobre a educação cristã, nº 10, Petrópolis: Vozes, 1966.

A identidade católica, no Concílio Vaticano II e também no documento de Medellín, aponta para a necessidade de uma auto-avaliação e para a responsabilidade pelas carências dos próprios países onde as universidades católicas se inserem.¹⁶

O documento de Puebla avança para o compromisso da criação de uma América Latina mais justa e fraterna, de criar e renovar a cultura pelo Evangelho e de promover o nacional, o social, o humano e o cristão.¹⁷

Santo Domingo, além da responsabilidade social, aponta ainda para a realização de um projeto cristão de ser humano inculturado. Acentua o diálogo entre o Evangelho e as culturas na promoção humana.¹⁸ Afirma ainda que o papel da universidade católica é “*especialmente o de realizar um projeto cristão de ser humano*” num diálogo entre Evangelho, as culturas e a promoção humana, diálogo transdisciplinar de modo a poder “*ensinar a autêntica Sabedoria cristã*”.¹⁹

A última Conferência realizada em maio de 2007 em Aparecida, São Paulo afirma a preocupação com a formação do ser humano:

*“Ao reafirmar o compromisso com a formação de discípulos e missionários, esta Conferência se propôs atender com mais cuidado as etapas do primeiro anúncio, a iniciação cristã e o amadurecimento na fé. A partir do fortalecimento da identidade cristã, ajudemos a cada ser humano a descobrir o serviço que o Senhor lhe pede na Igreja e na Sociedade”.*²⁰

A preocupação, em todos esses encontros do CELAM, é fazer com que a Igreja Latino-americana esteja sempre articulando a ciência teológica com os desafios culturais atuais. O desafio para uma Universidade Católica hoje é a metodologia transdisciplinar que diante do pensamento complexo clama nova linguagem para a ciência teológica.

A metodologia transdisciplinar conclama as universidades a romperem com as ilhas de saber preocupadas apenas com a distribuição de suas fatias de conhecimento. Sabemos, portanto que o “*conservadorismo universitário tem*

¹⁶ Cf. Documento de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977, documento n° 4, sobre a Educação Cristã, n.º 21-24.

¹⁷ Cf. Documento de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979, n.º 1060 sobre Educação Cristã.

¹⁸ Cf. Conclusões de Santo Domingo, VI CELAM. São Paulo: Loyola, n.º 268.

¹⁹ Cf. Ibid.

²⁰ Mensagem final do V CELAM pelo Boletim de Assessoria de Imprensa da CNBB, n.º 34.

*medo do novo que põe em questão as estruturas mentais, as representações coletivas estabelecidas, as idéias sobre o mundo, a educação, os deuses e a boa ordem das coisas”.*²¹

O Planejamento transdisciplinar na educação superior vem aqui relacionado às funções de serviço à sociedade, e mais concretamente suas atividades destinadas a erradicar a pobreza, a intolerância, a fome, a deteriorização do meio ambiente e as doenças. Humildemente desejamos inserir a PUC-Rio, através da CRE, numa

*“pesquisa transdisciplinar, tendo como fonte a vontade de compreensão dos resultados mais gerais da ciência moderna, que aparece como uma necessidade histórica de se promover uma reconciliação entre o sujeito e o objeto, entre o homem exterior e o interior, e de uma tentativa de recomposição dos diferentes fragmentos do conhecimento. Diferentemente da pesquisa monodisciplinar, ela se interessa pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade”.*²²

Os termos, *universidade* e *catolicidade*, como vemos, têm muito em comum. Ambos denotam um caráter de universalidade. Esse caráter de universalidade não deve ser apenas uma referência, mas um horizonte. Nos últimos quarenta anos brotaram e cresceram várias formas de pensar a fé e inserí-la na atual conjuntura, como vimos no capítulo dois desta dissertação. Uma fé de caráter contextual, uma fé libertadora, uma fé na defesa de um outro mundo possível. O adjetivo *católico* qualifica o substantivo *universidade*. Católico preserva certa visão de mundo, baseada na fé. Fé no Pai, o Criador, no Filho o Redentor, no Espírito Santo, o Santificador.

Numa Universidade Católica, a ciência teológica, inserida numa metodologia transdisciplinar, deve apresentar uma abertura em relação ao conjunto da realidade. Deve ainda reconhecer hoje, *“para além do conhecimento científico da natureza, a questão ‘metaempírica’ mais ampla sobre os problemas da vida* (Wittgenstein), *da cosmologia* (K. Popper) *e do mundo* (T.S. Kuhn)”.²³

²¹ JAPIASSU, Hilton. *O Sonho da Transdisciplinaridade e as razões da filosofia*, p. 37.

²² NICOLESCU, Basarab. *Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade*. 1º Encontro do CETRANS – Escola do Futuro – USP. Itatiba, São Paulo: abril de 1999. Disponível no site do Centro de Pesquisa e Estudos Transdisciplinares (CIRET): <http://perso.club-internet.fr/nicol/ciret/>.

²³ KÜNG, Hans. *O Princípio de todas as coisas. Ciências naturais e religião*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 81.

A identidade católica deve ser “*a inspiração, a alma da própria universidade*”, sem “*catolicizar*” a ciência, mas promovendo “*o diálogo institucionalizado entre a ciência, a técnica e as artes, de um lado, e de outro, a filosofia e a teologia*”.²⁴

Na metodologia transdisciplinar, o papel da ciência teológica, na PUC-Rio, deve ser avaliado por sua prática efetiva de diálogo com as demais ciências. Como poderá isso ocorrer? É o que veremos a seguir.

3.1.2

A Cultura Religiosa e Transdisciplinaridade

*“Nossa meta e objetivo educativo é formar homens e mulheres...
para os demais, quer dizer, homens e mulheres
que não concebam o amor a Deus sem amor ao homem;
um amor eficaz, que tem como primeiro postulado a justiça,
e que é a única garantia de que nosso amor a Deus não é uma farsa”.*

Pe Arrupe

A CRE terá agora a missão de favorecer esse diálogo transdisciplinar. Conhecendo o contexto e o objetivo da CRE na PUC-Rio, poderemos melhor desempenhar essa tarefa. A formação religiosa oferecida aos alunos foi uma constante desde o início da criação da PUC-Rio, quando formava o conjunto das então denominadas “Faculdades Católicas”.

Os documentos que fazem memória desse tempo informam, por exemplo, que já em 1941, nas Faculdades de Filosofia e Direito “*funcionavam regularmente as disciplinas de Cultura Religiosa superior, com uma aula por semana*”²⁵. Dependendo da Faculdade, utilizava-se o termo Religião ou Cultura Religiosa para nomear as disciplinas de conteúdo religioso.

Em 1961, algumas dessas disciplinas são identificadas, por exemplo, como *Apologética, Dogma, Doutrina Social da Igreja, Direito Canônico e Teologia Fundamental*. Nos cursos de Jornalismo, Serviço Social e Psicologia o termo *Cultura Religiosa* se mantinha como título, sem expressar o conteúdo das disciplinas. Nestas duas décadas iniciais, o corpo docente era composto por padres e religiosos que se vinculavam à PUC através dos departamentos onde

²⁴ Cf. CNBB, *Evangelização e pastoral da universidade*. Coleção estudos n° 56. São Paulo Paulinas, 1988.

²⁵ Cf. Anuário PUC-Rio de 1941, p. 6.

ministravam suas disciplinas. Não havia, portanto, um grupo ou coordenação que fosse uma referência para os professores e para as aulas de Cultura Religiosa.

Em 1968, foi fundado o Departamento de Teologia e integrado ao recém criado Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH). Dentre suas atribuições estava a de oferecer um curso regular de graduação em Teologia e, ao mesmo tempo, coordenar as disciplinas de Cultura Religiosa para alunos de todos os outros departamentos. A partir de então, o corpo docente e os conteúdos da CRE passaram a ter uma referência que muito contribuiu para o aprimoramento da Cultura Religiosa. O catálogo de 1969, refletindo a Reforma Universitária e a coordenação feita pela teologia, nos informa que os alunos da PUC, nos seus diferentes cursos, deveriam a partir de então, cumprir de 12 a 16 créditos de “*disciplinas de conteúdo moral cristão no Departamento de Teologia, incluindo ética*”²⁶. Neste contexto histórico, também marcado pelos desdobramentos do Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, nota-se uma ampliação no elenco de disciplinas oferecidas. Os alunos deveriam escolher entre, por exemplo, *A Fé e o homem moderno; Ciência e Fé; Religião na História da América Latina; O agir humano na perspectiva da Salvação; Bíblia; Secularização; Relações humanas na família; Doutrina Social da Igreja; Estudo comparado das Religiões; A Igreja e Ética Profissional* (para os diferentes cursos). Durante os anos 70, deu-se um avanço na organização e no fortalecimento da CRE dentro do Departamento de Teologia e na PUC-Rio como um todo.

No início dos anos 80, assessorada por teólogos e cientistas sociais, a CRE empreendeu uma reforma curricular que reiterou a importância da interdisciplinaridade como também o diálogo entre fé cristã e racionalidade moderna. O amplo leque de disciplinas foi sendo então compilado para quatro básicas, conhecidas ainda hoje, como *O Homem e o Fenômeno Religioso, Cristianismo, Ética Cristã e Ética Profissional*. Neste período, investiu-se muito na formação e qualificação do grupo de docentes através de cursos, seminários internos e encontros entre o corpo docente e discente, entre CRE e Teologia. Enquanto grupo, a CRE foi mostrando sua relevância ao articular-se com outros setores da PUC, por exemplo, as Semanas de Cultura Religiosa, a publicação da Revista CREatividade, ciclo de palestras abertas a professores e coordenadores de

²⁶ Cf. Catálogo PUC-Rio de 1969, p.59.

Ensino Religioso, encontros de formação para professores cristãos, cursos de aprofundamento da fé.

Estamos vivendo desde 2001, um tempo marcado pela necessidade de reformar, recriar e expandir as conquistas já realizadas anteriormente. Conquistamos o direito de utilizar um espaço físico adequado às necessidades de nossos 39 professores. Reconfiguramos as ementas, conteúdos mínimos e bibliografia de cada uma das nossas disciplinas. Refletimos sobre o sistema de avaliação e retornamos a prática de duas reuniões gerais por semestre. Estreitamos laços com a equipe de Pastoral, através de atividades conjuntas oferecidas aos alunos e professores. Estamos ampliando as relações interdisciplinares com diversos departamentos da PUC tentando aperfeiçoar nossos serviços como também os convidando para pequenos Colóquios nas nossas próprias turmas. Empreendendo, refletindo e somando esforços, a CRE vai assumindo aos poucos, com maior clareza, sua especificidade e sua vocação dentro do Departamento de Teologia e na própria PUC-Rio.

Na busca de nos aproximarmos de um elenco de objetivos para nosso trabalho, em sintonia com o projeto cristão, e com a realidade paradoxal e, ao mesmo tempo, fecunda de novas possibilidades, propomos de forma ampla, *"possibilitar uma leitura da vida pessoal e social numa ótica transformadora, que favoreça a vivência consciente e coerente da fé cristã e que ajude a discernir as questões e os desafios atuais"*²⁷.

Para isso, é desejo da Cultura Religiosa que o aluno atinja ou realize os seguintes objetivos, contemplando as dimensões: *Visão integral do Ser Humano*: desenvolver no/a aluno/a uma visão integral do ser humano inserido no projeto de Deus visando a sua realização como pessoa; *Realização da pessoa na co-humanidade*: possibilitar ao/a aluno/a conhecer, acolher e respeitar as diferenças antropológicas, culturais e religiosas, desenvolvendo a capacidade crítico-científico-cultural de análise das religiosidades presentes na realidade do mundo contemporâneo; *Capacitação para a escuta, contemplação e inserção na realidade*: propiciar ao aluno a experiência de estar atento à realidade plural, multifacetária e, não raro, fragmentada de nossos dias, visando a sua capacitação

²⁷ BRANDÃO, Margarida Souza. *Editorial da Revista CRE Atividade*, n.º 1, Departamento de Teologia, PUC-Rio, 1992.

para contribuir à altura dos desafios que lhe são próprios, com honestidade e competência, num compromisso com a Verdade.

Revelação de valores humanos e cristãos na sociedade será possibilitar a formação da consciência do aluno para revelar à sociedade valores como: respeito à Vida, Tolerância, Diálogo, Alteridade, Justiça, Solidariedade, Democracia, Espiritualidade; respeito e defesa ao Meio Ambiente, sendo cada pessoa participante como co-autora de um processo de transformação da sociedade.

Sociedade marcada por um racionalismo empirista, em que a ciência teológica tentou conduzir a fé em sua direção. Mas, caímos em uma grande cilada. A nova ciência começava questionar a si mesma e a seus métodos. Crescia o interesse dos cientistas pela filosofia. A ciência estava sendo testada pela filosofia. A ciência se impregnou de idéias abstratas e sem sentido. Nada mais era sagrado: mesmo as noções mais fundamentais podiam ser questionadas. Havia algo absolutamente novo no ar!

Essa sociedade coloca em nossas direções jovens para serem formados integralmente pelos valores cristãos. Aprofundaremos esse nosso desafio no próximo item.

3.2

A Transdisciplinaridade e a Ciência Teológica na PUC-Rio

“A teologia desempenha um papel particularmente importante na investigação duma síntese do saber bem como no diálogo entre fé e razão”.

João Paulo II

A ciência teológica hoje se encontra cada vez mais desafiada pela pós-modernidade. Se não se abrir humildemente a uma nova metodologia no Brasil a ciência teológica está fossilizando-se diante de outros saberes que julgam nosso discurso irrelevante. Há um dado novo, mas ao mesmo tempo ambíguo no campo da ciência teológica: o seu reconhecimento pelo MEC. Positivamente ela é reconhecida como uma ciência; negativamente, no processo desse reconhecimento estão à frente os neo-pentecostais. Necessitamos de muitos teólogos qualitativamente falando e não um número quantitativo de teólogos, para que o Amor e a Religião não fiquem mercantilizados nesse contexto secular.

Dentro de uma secularização do *soft* tudo vira *light*: a religião, a economia, a política. A ciência teológica é a que mais sofre. Além da razão ela é regida pelo coração, pelo afeto. A fé busca uma inteligência capaz de ler a realidade. Em enfrentamento com a realidade ela encontra o pluralismo religioso. Um pluralismo prático porque verificável e porque leva a pensar. O pensar da ciência teológica passa pelo sentido, pelo seu princípio absoluto e universal. Porém, hoje o que é universal tem caráter principal mas também dominador.

É claro que a ciência teológica tem caráter unitário na liberdade, que pode ser serviço ou dominação. Esse caráter unitário que devia ser sempre libertador, passa a ser dominador quando seu valor só pode ser vivenciado de uma única forma, negando a liberdade. Apresenta ainda um caráter universal e dialético e perpassa o diálogo transdisciplinar. Por seu caráter particular / plural, unitário / universal é necessário repensar as verdades da fé. O teólogo é o hermeneuta da verdade de fé.

Há ainda a enfrentar o conflito entre os deuses. Quando Deus está fraco, surge diante de nós o fanatismo. Para a ciência teológica um Deus forte é o Deus da Kénosis, é o Deus do amor, é o Deus que não tira o ser humano da realidade, mas o insere nela evitando o fanatismo.

Nesta perspectiva, compreende-se consciência como presença de mim em mim mesma. É interiorização. A cultura da internet, que insere o ser humano em rede, gera um novo conceito de consciência, algo fora de si. Consciência sendo preenchida por informações vindo de fora do si mesmo. Só posso ser o que vem a mim. Para a fé cristã o ser humano é mais que ele mesmo. Existe nele um existencial sobrenatural, um tempo e espaço de transcendência. Consciência de um esvaziamento de si em direção ao outro/Outro.

A ciência teológica encontra seu lugar na universidade hoje, primeiramente porque, mesmo numa pós-modernidade, os recursos religiosos têm algo a oferecer como contribuição para a prosperidade e o bem estar da humanidade. Seguidamente porque, grande parte da humanidade, incluindo os que fazem parte do meio acadêmico, colhe orientações oriundas dos recursos religiosos. Como parte da academia a ciência teológica tem como função contribuir criticamente para a transformação do ser humano e da sociedade.

A ciência teológica na PUC-Rio tem dado grandes passos, vagarosos sim, mas em direção às respostas às inquietações que a pós-modernidade nos

apresenta. Nossos teólogos e teólogas, capazes de ler essa realidade, têm contribuído com a práxis teológica através da CRE nessa universidade. Alguns nomes e obras, muito têm nos ajudado nessa nossa missão. O teólogo e professor de Teologia França Miranda e a teóloga e professora de Teologia Maria Clara L. Bingemer contribuem com suas reflexões sobre a inculturação da fé e o diálogo religioso, para as aulas da disciplina de *O Homem e o Fenômeno Religioso*. O teólogo e professor de Teologia Alfonso Garcia Rubio com suas reflexões sobre cristologia e antropologia, numa metodologia transdisciplinar dialogando com os demais saberes, dá sua contribuição às disciplinas de *Cristianismo*. A teóloga e professora de Teologia, Tereza Cavalcanti com seus trabalhos pastorais auxilia na prática pedagógica da CRE. O teólogo e professor da CRE, Celso Pinto Carias, com suas reflexões gestadas nas aulas de *Cristianismo* deu sua contribuição com a obra *Teologia para todos*. São publicações esperançosas que podem ajudar nossos alunos universitários, na velha e sempre nova busca pelo sentido da vida. Recebemos ainda suas contribuições teológicas através da *Revista Atualidade Teológica* do Departamento de Teologia.

O CTCH, numa nova gestão com novas propostas, já inicia a metodologia transdisciplinar dialogando teologicamente com os demais Departamentos e Centros Setoriais da PUC-Rio.

Teólogos, teólogas, decanatos, departamentos impulsionando um novo rumo para a missão pedagógica da CRE na PUC-Rio. Como levar essas contribuições a um exercício do fazer teológico? É o que refletiremos no tópico seguinte.

3.2.1

A missão da Cultura Religiosa diante dos jovens universitários na

*“Ando devagar,
porque já tive pressa”*

Almir Sater

A condição de ser humano deve ser a de um ser aberto à transcendência, condição de possibilidade de toda ciência, e da universidade como lugar de dupla mediação, da fé e da ciência, permitindo uma compreensão crítica do ser humano no mundo. Esse ser humano e sua formação é o objeto primeiro da CRE. Conforme o Marco Referencial da PUC-Rio essa Universidade

“visa a promoção da cultura e ao desenvolvimento integral de pessoas que revelem: atitudes éticas, coerentes com os valores cristãos; liderança comprometida com a evangelização da cultura; disponibilidade para servir, conforme o espírito evangélico; seriedade e competência profissional constantemente atualizada mediante a formação permanente; capacidade de perceber a realidade e sensibilidade às necessidades do outro e do bem comum; compromisso de criar uma sociedade mais justa e fraterna”.

Mas, diante desse desafio nos perguntamos: o que é para a CRE o desenvolvimento integral de pessoas? Como através das disciplinas da CRE podemos chegar ao desenvolvimento integral de pessoas? Em que a metodologia transdisciplinar pode contribuir para esse nosso objetivo primeiro? Questões que se tornam o desafio dessa dissertação. Não desejamos dar receitas por que não as temos. Desejamos apenas apontar alguns caminhos que talvez possam dar uma pequena contribuição ao nosso papel nessa universidade.

Primeiramente, precisamos nos compreender, não mais como seres fragmentados, isolados em nossa especialização, entrando em contato com alunos-máquinas. Edgar Morin, diante dos desafios impostos à atitude transdisciplinar na universidade nos chama a atenção para irmos além na compreensão das pessoas. Afirma ele

*“todos sabemos que somos animais da classe dos ‘mamíferos’, da ordem ‘dos primatas’, da família dos ‘hominídeos’, do gênero ‘homo’, da espécie ‘sapiens’, que nosso corpo é uma máquina com trinta milhões de células, controlada e procriada por um sistema genérico que se constitui no decurso de uma longa evolução natural de 2 a 3 bilhões de anos, que o cérebro com que pensamos, a boca com que falamos, a mão com que escrevemos são órgãos biológicos”.*²⁸

Do animal ao ser humano, chegamos à busca do que é bom, conveniente e agradável, que depende do desenvolvimento de todos os saberes a respeito do ser humano. Saberes não apenas racionais, mas também intuitivos compreendidos aqui como o conhecimento do ser humano por inteiro. A intuição é a forma mais comum do conhecimento religioso, artístico e criativo. A transmissão desses conhecimentos se faz pela *educação formal* (acadêmico) e pela *educação informal* (sabedoria existencial, que o exemplo aponta). Chegamos à reflexão sobre os

²⁸ MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Portugal: Europa-América, 1973, p.15.

conhecimentos adquiridos, paradigmas que fundamentam os modos de vida, de interpretação da realidade e do élan existencial do caminhar, da busca pela orientação da existência, ou em outras palavras o sentido da vida.

Reconhecemos que nenhum tipo de conhecimento tem o monopólio de interpretação do sentido da vida. Reconhecer essa impossibilidade de interpretação do sentido da vida não significa que não podemos reconhecê-lo em experiências acumuladas em caminhos, em pessoas ou em sabedorias tradicionais. Eis o melhor caminho e a tarefa dos educadores da CRE; ajudar aos jovens a construírem conhecimentos que lhes possibilitem discernir entre os sentidos da vida apresentados pela sociedade e o sentido da vida vivido por Jesus de Nazaré. Segundo Jung Mo Sung²⁹, em sua obra *Educar para reencantar a vida* (2006)³⁰, o sentido da vida está ligado à fé à condição humana. Fé entendida em sentido antropológico, pois o sentido da vida é sempre uma aposta, uma vez que ainda não chegamos 'lá' para termos a certeza da validade desse sentido. Portanto, para ele, o sentido da vida deve ser assumido como um ato de fé. Citando uma reflexão de Jurandir Freire³¹ sobre como o mundo pós-moderno entende a fé, Jung Mo Sung destacou-a como “*sinônima de crença irracional em verdades reveladas de natureza sobrenatural*” e ao mesmo tempo o destaque da compreensão do próprio Jurandir Freire sobre a fé dos religiosos na época da ditadura militar, que aqui muito nos interessa. “*A ação dos religiosos prova que fé não é idealismo vazio, e, sim, indício de vitalidade cultural*”³² e percebia que “*na atitude dos religiosos, fé nem é blindagem cega contra dúvidas nem flerte com idéias totalitárias. É*

²⁹ **Jung Mo Sung:** Coreano, nascido em 1957, vive no Brasil desde 1966. é pós-doutorado em Educação e doutor em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, onde desenvolve pesquisas sobre a relação entre religião – educação – economia. Entre suas obras temos: *Competência e sensibilidade solidária – Educar para a esperança* (em co-autoria com Hugo Assmann), *Sujeito e sociedades complexas* e *Sementes de esperança – a fé em um mundo em crise*, todos editados pelas Vozes.

³⁰ JUNG MO SUNG. *Educar para reencantar a vida*. Petrópolis: Vozes, 2006.

³¹ **Jurandir Freire:** É Psicanalista, pernambucano de 47 anos, residente no Rio de Janeiro, sacudiou as consciências dos brasileiros ao divulgar o termo "Lei de Gerson" para designar a ideologia do "levar vantagem em tudo". Atualmente, é psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ e autor de vários livros, como *Psicanálise e contexto cultural* (Ed. do Campus, 89). Defensor da pluralidade, da tolerância - e consequentemente da democracia - Jurandir vem estudando a história dos preconceitos em relação ao homossexualismo numa pesquisa financiada pela Fundação Ford que vai desembocar no estudo das atitudes dos vários grupos homossexuais ante a ameaça representada pelo vírus HIV.

³² JUNG MO SUNG. *Educar para reencantar a vida*, p. 138.

coragem de sustentar princípios que fazem da vida terrena uma empresa com sentido”³³.

Sentido da vida que se dá na condição humana. Não numa condição subumana, nem supra-humana ou pós-humana. A felicidade do ser humano encontra-se no sentido da vida e no viver que se dá na condição humana encarnada, assumida por nós mesmos e ao mesmo tempo na aceitação da finitude dessa condição humana. Eis o nosso enigma³⁴ segundo o teólogo Adolphe Gesché, e confirmado por Edgar Morin quando diz que “*somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais...*”³⁵ e segundo Jung Mo Sung, *finito*. ”.³⁶

Viver humanamente uma condição finita nos coloca diante de um dos núcleos centrais no cristianismo: a alteridade. Não nos adianta um saber ultra especializado, um acesso ultra rápido à informações via internet ou um conhecimento ético-cristão se o exercício da alteridade não é aceito, compreendido e desenvolvido pelo ser humano, pelos educadores e pela comunidade acadêmica.

É o reconhecimento do outro, como pessoa na relação, que me dará a sabedoria necessária para a minha transformação pessoal, a transformação do outro e por fim a da sociedade. Esse caminho é percorrido pela dinâmica da espiritualidade cristã, que nos impulsiona a olhar a pessoa humana de forma integral. Espiritualidade ligada à educação, à transformação, a um êxodo, construído ao longo da vida acadêmica por todos os jovens que passam pela CRE, numa autêntica relação com seus educadores.

A alteridade é o caminho que nos leva à solidariedade entendida como valor. A afirmação da solidariedade através de exemplos de vida, nessa condição humana, pode levar à solidariedade entre docente e discente e ao mesmo tempo ultrapassar os muros da academia.

Carlos Mesters, quando fala de profecia, associa três valores que não podem ser desvinculados um do outro: justiça – solidariedade – mística. Para ele

³³ Ibid., p. 138.

³⁴ **Enigma:** “*Há em nós, algo de indecifrável, de incompreensível, que permanecerá sempre, e que é até construtivo de nosso ser. E, portanto, de nossa formação. Não se constrói sem levar isso em conta. Aprender a viver e a se estruturar com o enigmático parece-me ser, um segredo para a educação do amanhã*”. GESCHÉ, Adolphe, *O Ser humano*, p. 16.

³⁵ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000, p. 38.

³⁶ JUNG MO SUNG. *Educar para reencantar a vida*, p. 140.

justiça sem solidariedade e sem mística é pura politicagem. Solidariedade sem justiça e sem mística é pura filantropia. Mística, sem justiça e sem solidariedade é fanatismo.³⁷

Essa luta vale a pena? Ela pode ser feita apenas pelos professores da CRE? Apenas pela teologia isolada dos demais saberes? Jung Mo Sung nos responde afirmando que essa educação que possibilita ao aluno um discernimento profundo não cabe apenas a uma disciplina determinada, mas a todas as disciplinas. Isto é, cabe à metodologia transdisciplinar. Acima de todas as disciplinas, de todos os campos de saber, para a metodologia transdisciplinar se encontra a pessoa humana concreta. É a ela que se dirige nosso olhar como educadores.

Não pretendemos implantar a metodologia transdisciplinar em toda a PUC-Rio, mas percebemos ser essa o principal objetivo da CRE nessa universidade. A metodologia transdisciplinar não quer discutir se é papel dessa ou daquela disciplina tratar o sentido da vida, mas a necessidade de discussão desse tema nos ambientes educacionais e sociais. Aqui, as disciplinas oferecidas pela CRE aos alunos, têm fundamental importância. Não se trata de proselitismo, de catequese, mas da defesa de educar as novas gerações. Jung Mo Sung compreende que

*“na medida em que os alunos e alunas começam a tomar consciência de que o sentido das suas vidas pode ser modificado, que eles podem questionar o sentido da vida imposta pela cultura de consumo, assumido e vivido por eles sem uma clara consciência de todo esse processo, e que podem aprender das suas tradições culturais e espirituais e também de outros grupos sociais e culturais novos sentidos da vida e novas formas de se relacionar com outras pessoas, com a sociedade, com a natureza e consigo mesmos, vão perceber que estudar tem um sentido que vai muito além da preparação para o trabalho profissional”.*³⁸

Para ir além dessa compreensão e dar uma formação integral aos nossos alunos é necessário termos claro o desenvolvimento do ser humano e do saber expostos nos capítulos primeiro e segundo dessa dissertação. Hoje, sabemos que o mundo moderno pretendeu substituir a fé pela razão, Deus pelo ser humano... e, como resultados nos encontramos num mundo moderno, que não apenas deixou para trás o que julgavam pré-moderno mas tudo o que se referia à formação

³⁷ Cf. MESTERS, Carlos. *A leitura profética da história*. EQUIPE BÍBLICA DA CRB. Coleção Tua Palavra é Vida (Vol. 3), São Paulo: CRB & Loyola, 1992.

³⁸ JUNG MO SUNG. *Educar para reencantar a vida*, p. 156.

integral da pessoa humana; a intuição, o imaginário, o simbólico e a espiritualidade.

Perguntar pelo sentido da vida e lutar por uma sociedade onde se possa viver o sentido da vida é tornar-se livre de todos os condicionamentos impostos ao ser humano no mundo pós-moderno. Mas, não adianta tornarmos livres diante dos condicionamentos se não tivermos diante de nós o utópico que nos atrai e nos impulsiona à construção do novo³⁹. Esse utópico se encontra nas mãos dos educadores da CRE, o caminho de sabedoria existencial, da vivência da verdadeira imagem e semelhança de Deus, da verdadeira humanização, do reencantamento da vida e da liberdade, percorrido por Jesus de Nazaré. Para facilitar nossa práxis contamos com a contribuição da pesquisa feita pelo CERIS sobre o perfil de nossos universitários. Será através dela que voltaremos nosso olhar no item seguinte dessa dissertação.

3.2.2

A realidade do jovem universitário na CRE – contribuição da pesquisa do CERIS

“Encontramos uma juventude sensível a problemas sociais que assolam o país; à práticas solidárias, à valorização da família e à relativização da religião. Nesse universo micro, nos distanciamos de uma análise de senso comum que rotula os jovens brasileiros como consumistas, imagéticos ou descompromissados. O que se vê são preocupações de um segmento que ainda não possui, neste país, um lugar ao sol, independentemente dos anos que ele perderá, ou ganhará, na formação universitária”.

Pesquisa CERIS

Nossa juventude hoje apresenta uma diversidade que resulta de várias origens. Há múltiplas teias tecendo as relações dessa juventude. Relações que marcam a história da juventude conferem significados e definem seu modo de viver em sociedade. A essa diversidade da juventude na PUC-Rio, acrescentamos o âmbito da religiosidade, mais um desafio para os professores da CRE. Severino Croatto, chama a atenção para uma eficácia na prática pedagógica quando afirma que *“mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente, trata-se de*

³⁹ Cf. *ibid.*

*uma experiência humana, própria do seu humano e condicionada por sua forma de ser e pelo ser contexto histórico cultural”.*⁴⁰

Para atender melhor nossa ação pedagógica diante dessas diversidades na vida dos jovens da PUC-Rio, foi pedido ao CERIS uma pesquisa sobre o perfil dos nossos universitários. Nosso objetivo geral foi “*identificar o perfil dos universitários na PUC/RJ e sua percepção em relação às disciplinas oferecidas pela CRE*”, e o específico fornecer à CRE “*dados que subsidiem um planejamento mais eficaz da ação pedagógica*”. Nesse sentido, foi traçado um perfil dos alunos, “*identificando seus valores, crenças, comportamentos e percepções sobre temas sociais, além de uma avaliação de um conjunto de disciplinas com temática sócio-religiosa oferecidas pelo departamento em questão*”⁴¹, perfil que nos ajuda em nosso trabalho. Algumas características são importantes para a nossa dissertação.

No nosso universo 55% são mulheres⁴²; 77% são de raça branca⁴³; são majoritariamente na classe de idade entre 18 e 25 anos⁴⁴; 93,9% são solteiros⁴⁵; 91,9 %, estão cursando a primeira faculdade⁴⁶; 61% pertencem à área de Ciências Sociais Aplicadas que compreende os cursos de Administração, Ciências Econômicas, Relações Internacionais, Comunicação Social, Direito, Arquitetura e Urbanismo, Desenho Industrial e Serviço Social⁴⁷; 84% dos alunos estudam durante o dia⁴⁸; 77,2% declararam ter estudado em escolas particulares⁴⁹; 45,3% se encontram na classe social C⁵⁰; 40,9% declararam nunca ter trabalhado⁵¹.

O itinerário apresentado ilustra traços da juventude da PUC-Rio que revelam uma aceleração dos ritos de passagem. Os jovens ingressam cada vez com menos idade na universidade, por causa da implantação de uma escolarização precoce e ampliada. A entrada do jovem atual na vida adulta é cada vez mais tardia. Suas vidas são cada vez menos regidas pela memória. Dessa forma,

⁴⁰ SEVERINO CROATTO, José. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 41.

⁴¹ Relatório final da pesquisa CERIS, p. 2.

⁴² Cf. Anexo II, gráfico 1 da pesquisa (sexo)

⁴³ Cf. ibid., gráfico 2 da pesquisa (raça)

⁴⁴ Relatório final da pesquisa, p. 6.

⁴⁵ Ibid., p. 6.

⁴⁶ Cf. Anexo II, gráfico 3 da pesquisa (primeira graduação)

⁴⁷ Relatório final da pesquisa, p. 7.

⁴⁸ Ibid., p. 8.

⁴⁹ Ibid., p. 9.

⁵⁰ Cf. ibid., p. 11.

⁵¹ Cf. ibid., p. 11.

desintegram-se os relacionamentos delineados pelos velhos padrões sociais humanos e os elos entre as gerações se quebram. A pobreza das relações abre espaço para a ascensão do jovem consumidor isolado.

Esses fatos levaram o jovem a uma nova busca de religiosidade. Nesse campo também a pesquisa nos ajuda.

*“Os jovens brasileiros têm apresentado uma tendência de desvinculação institucional, mas não há indicadores sobre crenças em nível nacional para jovens nesse segmento etário e tais indicadores seriam importantes se considerarmos que a desvinculação religiosa não implica em necessária descrença em símbolos que compõem os sistemas de crenças, mas antes, implica em recomposições simbólicas”.*⁵²

A crença em Deus é marcada por um significativo percentual de 81,7%. Pouco mais da metade dos jovens informantes, 59,6%, possui a crença em Jesus Cristo, como figura central do cristianismo e a crença no Espírito Santo mobiliza 41,5% dos jovens. Não comungam com as crenças afro-brasileiras, nem mesmo com o esoterismo.⁵³

A religiosidade desses universitários é marcada por um pluralismo. Dentre esse pluralismo destacamos que: 37,64% são católicos não-praticantes; 22,89% sem-religião; 12,65% católicos praticantes; 7,61% espíritas; 6,46% protestantes; 6,00% outras formas de religiosidade; 3,90% judaicos; 1,18% pentecostais; 0,91% religiosidade oriental e 0,56% religiões afro-brasileiras.⁵⁴

Segundo a pesquisa, quando questionados sobre os principais motivos que os levam a ter crenças religiosas,

*“ficou explícito que o ato de crer prescinde de justificativas no sentido de que os indivíduos aderem a um sistema de crenças seja por meio da formação familiar ou sociocultural sem necessariamente teorizar a respeito destes temas de modo a explicar a si mesmos as próprias crenças”*⁵⁵

⁵² Ibid., p. 13.

⁵³ Cf. ibid., p. 13.

⁵⁴ Cf. Anexo II, gráfico n.º 7 (religiosidade).

⁵⁵ Relatório final da pesquisa, p. 15.

É interessante notar que o recebimento de graças ou milagres não tem mobilizado para a crença denotando que há baixa proporção de jovens vinculados a movimentos carismáticos na PUC/RJ.

A compreensão de Deus vem atravessando várias mudanças. Na tradição cristã, Deus é amor e representa também um pai amoroso, seguindo a versão do Novo Testamento.

Vejamos como os jovens universitários compreendem Deus ou o conceituam. Dos jovens informantes 24,4% compreendem Deus como uma energia cósmica; 21,7% compreendem Deus como um Pai que ama e se preocupa com cada homem/mulher; 18% dos jovens não possuem uma definição de Deus; 17,8% entendem que Deus é Amor, aproximando-se de uma visão teológica mais moderna.⁵⁶

É interessante ainda ressaltar como os jovens realizam a experiência de Deus em suas vidas. Para 25% a experiência se dá em momentos de dor ou de perigo; para 24,3% em todos os momentos de sua vida; 15,3% fazem a experiência de Deus diante da beleza da natureza; 7% respectivamente sentem a presença de Deus em momentos de alegria e em momentos que necessitam tomar decisões; 6,2% ainda não fizeram a experiência de Deus em nenhum momento de suas vidas.⁵⁷

A imagem de Deus e a relação com o mistério caminham juntas. Para Severino Croatto, a experiência religiosa é a matriz da linguagem simbólica, a qual *“tem existência e sentido por sua radicação na experiência do transcendente, no interior da própria experiência humana”*.⁵⁸ Sendo a experiência o resultado de uma relação, essa imagem é reveladora de quem a elabora – no nosso caso, a juventude PUC-Rio.

Os elos sociais ocorriam na relação com os pais, no seio da família e nas comunidades religiosas de forma estável. Na pós-modernidade esses elos com as instituições são desvinculados e os pólos de referência simbólica na construção de suas identidades passam a ser buscados em redes de interesses próprios.

⁵⁶ Cf. Anexo II, gráfico n.º 8 (quem é Deus)

⁵⁷ Relatório final da pesquisa, p. 19.

⁵⁸ SEVERINO CROATTO, José. *As linguagens da experiência religiosa*, p. 39.

Os valores mais importantes na vida dos jovens podem ser visualizados na tabela⁵⁹ abaixo.

Valores	%
Respeito às diferenças	72,84
Solidariedade	69,03
Justiça Social	63,75
Igualdade de oportunidades	61,83
Respeito ao meio ambiente	53,40
Liberdade individual	35,58
Liberdade política	23,17
Auto-realização	18,04
Disciplina pessoal	16,69
Dedicação ao trabalho	15,98
Competência	11,43
Temor a Deus	10,79
Obediência às autoridades	9,58
Religiosidade	8,83
Autenticidade pessoal	7,62
Prazer sexual	7,22
Respeito às tradições	4,31

A pesquisa assinala que os valores acima tabelados apresentam perspectivas de esperança. Analisando essa esperança o relatório afirma que

“A eleição do respeito às diferenças, da solidariedade e da justiça social como valores centrais demonstra que os jovens possuem uma sensibilidade relevante para temas que estão em alta nos discursos da sociedade atual. Sendo eles co-responsáveis no processo de construção e disseminação destes valores de caráter universal, importa que as instituições de ensino implementem atividades que fortaleçam esta tendência de modo a fortalecer também as práticas sociais neles pautadas”.

Quando esses valores essenciais para a vida da juventude foram cruzados com sua prática religiosa, em uma nova tabela⁶⁰, causou-nos grande espanto.

Valores	Católico não praticante (%)	Católico praticante (%)	Outra religião (%)	Sem religião (%)
Solidariedade	25,4	10,4	19,2	13,9
Respeito às diferenças	27,7	9,3	19,5	16,3
Igualdade de oportunidades	23,6	8,2	16,6	13,4
Temor a Deus	1,5	2,6	6,2	0,5
Justiça social	23,8	8,6	17,3	14,0
Dedicação ao trabalho	6,5	1,7	4,6	3,0

⁵⁹ Relatório final da pesquisa, tabela n.º 1, p. 25.

⁶⁰ Relatório final da pesquisa, tabela n.º 1.1, p. 28.

Respeito ao meio ambiente	21,5	5,3	13,4	13,2
Religiosidade	2,5	2,8	3,1	0,4
Liberdade individual	12,2	3,3	8,8	11,2
Autenticidade pessoal	2,4	1,3	1,2	2,6
Respeito às tradições	1,7	0,4	1,1	1,0
Obediência às autoridades	4,5	0,7	2,7	1,6
Disciplina pessoal	7,2	1,6	4,1	3,6
Liberdade política	7,6	2,3	5,9	7,2
Auto-realização	7,8	2,0	4,2	3,9
Competência	5,1	0,8	2,4	3,0
Prazer sexual	2,6	0,4	1,5	2,7

Faço a esse respeito, nossas as palavras do próprio relatório final dessa pesquisa.

“Os jovens que se declararam católicos não praticantes valorizam mais determinados valores universais do que os praticantes, como é o caso da solidariedade, do respeito às diferenças, da justiça social, dentre outras opções. Os católicos praticantes se destacam quando comparados com os que não praticam o catolicismo na valorização do temor a Deus e da religiosidade (neste último item com baixa diferença percentual entre os dois grupos). Para o catolicismo, fica o desafio de lidar com uma juventude que vê na religião um elemento que pouco catalisa para o compromisso com a mudança social já que se mostrou menos sensível a questões relevantes tais como respeito ao meio ambiente, a justiça social, a solidariedade e o respeito às diferenças. Nestes temas, dentre alguns outros menos universais, os jovens que se declararam sem religião e aqueles, agrupados na categoria outra religião, demonstraram maior atribuição de valor”.⁶¹

As respostas permitiram identificar verdadeiras epifanias pessoais, preciosas situações e relações interpessoais, lugares de manifestação do sagrado no humano. O objetivo central nesse processo é desenvolver uma ética pluralista baseada no reconhecimento de um universal trans-religioso, trans-filosófico, fundamentada na práxis da alteridade.

A tabela abaixo nos revela a opção do modo de viver de nossa juventude. Chamou-nos a atenção as porcentagens em relações à família, às amizades e à capacidade de tomar decisões na vida.

Saúde física	71,3	22,9	4,3	1,4	0,0	100
Amizades	87,8	8,7	1,3	1,1	0,0	100
Aparência física	69,6	22,8	6,0	1,6	0,0	100
Capacidade de tomar decisões	88,8	5,9	3,2	2,0	0,0	100

⁶¹ Ibid., p. 27.

Casa onde mora	80,4	13,0	5,6	0,9	0,2	100
Bairro onde mora	68,5	20,3	10,3	0,8	0,2	100
Vida amorosa	64,7	20,0	12,6	2,6	0	100
Possibilidade de trabalho que possui hoje	32,6	34	26,1	7,0	0,2	100
Com a maneira como passa o tempo livre	62,2	28,8	7,4	1,4	0,1	100

Quanto às questões éticas e morais, se revelaram jovens tolerantes ao planejamento familiar, ao uso de métodos contraceptivos, aos relacionamentos homossexuais. Revelaram-se contrários ao adultério, à descriminalização do aborto, às discriminações raciais e à participação da Igreja na política.⁶²

Outro fator que nos chamou a atenção foi o resultado das questões referentes ao exercício da alteridade, pois 55.98% afirmaram possuir poucos amigos, porém verdadeiros.⁶³

A pesquisa revela que quanto às disciplinas oferecidas pela CRE, consideram que O Homem e o Fenômeno Religioso e o Cristianismo nada tem a acrescentar a sua vida profissional, porém com um bom aproveitamento pessoal. Enquanto as disciplinas de Ética Cristã e Ética Profissional contribuem positivamente tanto para a vida pessoal quanto a vida profissional.⁶⁴

Quanto às questões sociais mostraram-se muito preocupados em ordem decrescente com a violência, com a injustiça social, com a corrupção, com o desemprego. Há pouca participação na vida da sociedade apesar das preocupações acima citadas. Apenas 1,7% dos jovens declararam ter uma participação política partidária.⁶⁵

Como vimos através da pesquisa a metodologia transdisciplinar tem muito a contribuir com o nosso futuro. O que é exigido pela transdisciplinaridade não é apenas uma reforma do saber, mas uma reforma do ser humano enquanto ser sócio-histórico. O que precisamos fazer? Responde-nos o filósofo Hilton Japiassu é *“ajudar-nos uns aos outros a sermos plenamente os artesões de um futuro que precisa mais ser construído que adivinhado. Não temos necessidade de alguns*

⁶² Relatório final da pesquisa, p. 35-36.

⁶³ Cf. Anexo II, gráfico 12 (relações)

⁶⁴ Ibid., p. 42.

⁶⁵ Ibid., p. 23.

*sábios, mas que o maior número adquira a sabedoria e acredite que ela constitui sua maior riqueza”.*⁶⁶

Como vimos no segundo capítulo dessa dissertação na fundamentação teológica a CRE precisa criar um ambiente tal que a sabedoria existencial possa sentir-se verdadeiramente em casa. É em Jesus, o Cristo que encontraremos caminhos para tal pedagogia.

3.2.3

De volta à missão da Cultura Religiosa: uma nova pedagogia a partir de Jesus.

*“Somos chamados a fornecer
inspirações aos nossos Moisés
que não crêem em Javé”*

Júlia Kristeva

A fé se inscreve essencialmente no âmbito cultural. Um fato fundamental modifica a história humana: Deus entra na história, se encarna em Cristo. A realidade histórica se modifica essencialmente em suas relações fundamentais. A única maneira de relacionar o homem com esta realidade é a fé, como visão e como atuação no mundo. Este fato é único e total, porém não nega os outros fatos e outras culturas, mas se encarna nelas e as transcende. Por isso podemos dizer que a atitude de fé é uma atitude transcultural.⁶⁷

A mensagem apenas se transmitirá como Boa Nova de Salvação para os que se sentem oprimidos e necessitam da experiência de Salvação através de uma pessoa ou de grupos humanos em uma íntima comunicação de testemunho e amizade profunda que respeite, faça crescer a pessoa e lhe permita dizer a sua palavra.

Partindo da experiência vivida por Jesus Cristo, em relação com o Reino de Deus, o único espaço de revelação do transcendente que nos é concedido nesta vida passa exatamente pelas realidades mundanas nas quais existimos e por elas optamos, sofremos e nos alegramos. Nossos sonhos, nossos valores fazem parte de nossa mística e nossa espiritualidade. Mística e espiritualidade nascidas

⁶⁶ JAPIASSU, Hilton. *O Sonho da transdisciplinaridade*, p. 219.

⁶⁷ VELA, Jesus Andre. *Grupos Catecumenales. Metodologia grupal de la educacion en la fe*. Chapinero-Bogotá : Indo-American Press Service, 1975, p. 188.

também do Mistério Pascal de Jesus de Nazaré. É o Espírito Santo que nos faz caminhar em direção aos *jovens*, aos pobres, ao povo, na causa do Reino.

A própria CNBB, reconheceu em 2006 em sua 44ª Assembléia Geral, em Itaici, São Paulo a necessidade de se recuperar a opção preferencial pelos jovens esquecida pela Igreja. A evangelização dos jovens requer uma séria reflexão. É preciso questionar os métodos empregados, as propostas de envolvimento com a sociedade e o oferecimento de oportunidade de uma verdadeira experiência da fé cristã e da vida em comunidade. Segundo Dom Odilo Pedro Scherer⁶⁸,

*“A juventude é a fase da vida que merece a especial atenção das iniciativas missionárias; a preocupação com os jovens e o seu envolvimento com a vida social é coisa boa; mas isso não pode levar ao descuido da evangelização dos numerosos jovens batizados ou não que vivem distantes da fé. O Bom Pastor não sossega com a paz das ovelhas mansas ao seu redor; ele tem o olhar inquieto à procura das ovelhas desgarradas, em perigo, doentes ou fracas, que não conseguem acompanhar o rebanho. Também a elas quer buscar e reunir perto de si.”*⁶⁹

A pedagogia de Jesus é a pedagogia da fé. E entendemos por pedagogia da fé o caminho pelo qual o ser humano pode ser conduzido a Deus. Essa é verdadeira pedagogia a ser aplicada na CRE. Nossos jovens precisam entender que a fonte Jesus é transcendente, mas não está longe. Está aqui e agora. Está nas realidades mundanas nas quais existimos. Descobrir nelas o caminho que nos leva de volta às alegrias/tristezas, conquistas/decepções... àquilo no qual buscamos o sentido de nossa existência.

Paulo que aprende de Jesus sua pedagogia nos leva a aprender que a PUC-Rio é o nosso Aerópago, nosso campo evangelizador. Temos que saber acolher o diferente e defender aquilo que é comum a todos: a vida humana ameaçada pelo vazio existencial pós-moderno, pela ausência de direitos, de atendimento, de tranquilidade e de afeto. Aprendemos com Santo Agostinho que o segredo dessa pedagogia está

⁶⁸ **Dom Odilo Pedro Scherer:** Bispo auxiliar de São Paulo, cursou teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestre em Filosofia e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, foi secretário Geral da CNBB.

⁶⁹ SCHERER, Dom Odilo Pedro. *Evangelização da Juventude: a opção preferencial esquecida*, artigo em preparação a 44ª Assembléia da CNBB, disponível no site da CNBB. Acessado em fevereiro de 2006.

*“na maneira de narrar (ensinar), para que aquele que catequiza (o professor) quem quer que o grande seja, o faça com alegria: tanto mais agradável será a narração (ensino), quanto mais puder alegrar-se o catequista (o professor). O preceito é claro: quanto mais não amará a Deus àquele que dá com alegria riquezas espirituais?... Essa alegria pertence à misericórdia d’Aquele (transcendente) que a ensina”.*⁷⁰

Os sinais dos tempos são portadores de sentido, porque é Deus o seu autor. A tarefa da teologia é precisamente descobrir esse sentido nos fatos cotidianos e históricos. Interpretar teologicamente a realidade, descobrir sua significação teológica, discernir, interpretar a práxis à luz do Evangelho são diferentes modos de afirmar que a realidade, toda a realidade, qualquer realidade humana, é portadora de um sentido divino, que tem sentido no caminho percorrido pelo jovem até Deus. Aprendemos na pedagogia de Jesus de Nazaré que uma autêntica experiência do Deus do Cristianismo deve evitar: construir uma práxis separada dos acontecimentos culturais de então e render-se as demais ciências como se a mensagem cristã pudesse render-se às conclusões científicas e culturais, sem oferecer a elas nenhuma correção e ou orientação.

A metodologia transdisciplinar nos ajuda a respeitar as exigências da vida, evitando o reducionismo, o distanciamento da realidade que não cessa de mudar e que exige eterna adaptação.

*Hoje, a transdisciplinaridade oferece à universidade a ocasião e os meios de ser um imenso terreno no qual o aprendizado tem a possibilidade de se tornar um elemento responsável e parceiro da mudança social, econômica e política da qual o planeta necessita crucialmente. Abrindo-se ao que reúne os diferentes ângulos de visão do real, abordando os diferentes níveis de realidade, evitando o encerramento de um raciocínio bloqueado numa linearidade unidirecional, e na alternativa binária, a abordagem interdisciplinar se inscreve na fidelidade e observância das leis do vivo. Lembremos que o vivo tem por exigência se reunir, se auto-organizar e se auto-estruturar.*⁷¹

Para isso, necessita de durabilidade e de um espaço aberto. A metodologia transdisciplinar precisa ter consciência ao tornar-se presente em um meio. Ela necessita de que as responsabilidades educativas coloquem em prática as

⁷⁰ SANTO AGOSTINHO. *A Catechizandis Rudibus (A Instrução aos Catecúmenos)*. Petrópolis: Vozes, 1978, n.º 4.

⁷¹ TROCMÉ-FABRE, Hélène. *A universidade exposta à transdisciplinaridade*. Entrevista dada à IHU On-Line.

condições favoráveis para um verdadeiro aprendizado, ou seja, que organizem o jogo de interações, permitindo parcerias com o coração do vivo.

3.3

Abrindo janelas para a transdisciplinaridade

“A grande águia de grandes asas, de larga envergadura, coberta de uma rica plumagem, veio do Líbano e apanhou o cimo de um cedro; colhendo o mais alto dos seus ramos, trouxe-o para a terra dos mercadores, onde o depôs em uma cidade de negociantes. Em seguida apanhou uma dentre as sementes da terra e a plantou em terra preparada, junto a uma corrente de águas abundantes, plantando-a como um salgueiro. (...) Ei-la que está plantada: vingará ela?”⁷²

Profeta Ezequiel

O corpo docente da CRE já é pluridisciplinar. A maioria deles possui além da graduação em Teologias outras graduações. Entre nossos educadores temos profissionais com especialização em: Arquitetura, Engenharia, Física, Matemática, Serviço Social, Pedagogia, Psicologia, Filosofia, etc. Nosso educador pode e deve usar essa pluralidade disciplinar e utilizar a metodologia transdisciplinar em suas ações pedagógicas pois sem ela sua proposta pedagógica seria vazia. Aplicando os níveis de realidade, a complexidade e a lógica do terceiro incluído, poderemos inventar os métodos e modelos transdisciplinares adequados a situações particulares e práticas.

O educador da CRE deve, portanto, partir da realidade de sua turma específica, auxiliado pela metodologia transdisciplinar e com os resultados da pesquisa elaborada pelo CERIS, para melhor desenvolver seu trabalho-missionário. Deve criar o desejo da busca de sentido daqueles que a ele se aproximam. Incentivá-lo para que expressem suas opiniões e seus sentimentos. Ser humilde para suportar misteriosamente dizendo mais a Deus por eles que de Deus a eles. Nosso objetivo é despertar a fé como fundamento da esperança e do amor. Recuperar o método simbólico, num mundo desejoso de sensações, para apontar a interiorização como caminho para qualquer experiência de Deus. Nossa pedagogia iluminada por Jesus de Nazaré passa pela ética, pela espiritualidade e pela contextualização nesse mundo pós-moderno.

⁷² Ez 17, 3b – 5. 10a.

A grande dificuldade do educador é trabalhar para além de seus limites, reconhecer seu lugar, se retirar para que o aluno cresça. É formar profetas capazes de viver a solidão do deserto e ainda anunciar a Boa Nova da chegada do Reino de Deus. Exatamente como afirmava Santo Inácio *é preciso fazer tudo como se tudo dependesse de nós e ficarmos tranqüilos como se tudo dependesse de Deus*. Para ilustrar que essa metodologia dá resultados gostaríamos de reproduzir na íntegra uma avaliação de um aluno da disciplina Cristianismo ministrada pelo professor Celso Carias ao final do semestre letivo, 2006.2.

“Dizer que Jesus Cristo é um desconhecido num país que é reconhecidamente, o maior em população que se declara cristã é, no mínimo um fato curioso. Talvez muitos respondessem à essa questão de uma maneira mais prática e talvez mais lógica à primeira vista. Quem diz que Jesus é um desconhecido no Brasil o diz porque há um forte movimento de sincretismo em nossa sociedade. Somos muito supersticiosos e acolhemos sob o mesmo teto aspectos das mais diversas crenças religiosas. Isso sem dúvida está correto. É uma boa hipótese. No entanto, acredito que talvez o motivo possa ser outro, e digo isso agora por experiência própria.

Sou batizado, mas nunca me considerei cristão. Também não tenho nenhuma outra crença em especial. Se me perguntassem eu até diria que era cristão, pois simplesmente por meus pais serem bastante religiosos e não por mim. Eu posso dizer, sou o típico cidadão que não conhecia Jesus Cristo. Talvez seja pelos dogmas da Igreja ou então por sua conturbada história, eu nunca simpatizei com o cristianismo, admito e esse é o fato, no entanto, ao longo do curso, fui percebendo que o meu foco negativo na Igreja era tão forte (e de certa maneira até cínico) que eu mal dava atenção ao cristianismo e o que ele tem de mais bonito; a trajetória de Jesus Cristo. Esse curso mudou sinceramente minha visão da verdadeira razão de ser do cristianismo: Jesus. Desde a primeira aula, quando ficou claro que a fé, não negava a ciência (que prezo muito) minha cabeça começou a mudar. Temos, portanto, em mim mesmo a prova de que muitos não conhecem Jesus Cristo. Acredito que deveria haver um esforço maior por parte da Igreja para realmente divulgar a bela mensagem do caminho de Jesus, sob o risco de continuar a perder fiéis e se tornar totalmente artificial, vazia de sua missão perdida em sua própria burocracia. Que fique claro que isso não é um prognóstico! Não tenho conhecimento suficiente para tal análise – são apenas as impressões de quem realmente se surpreendeu com o cristianismo.

A mensagem de Jesus é muito bonita e acredito que enquanto o homem for realmente humano ela perdurará em sua essência. Os Beatles podiam até ser mais famosos que Jesus, mas a mensagem de uma de suas mais famosas músicas é claramente inspirada por Ele: “tudo o que você precisa é amor”. Em última instância, essa é a mensagem de Jesus Cristo. E quem disse que é impossível viver o amor nos dias de hoje? É perfeitamente possível vive-lo no nosso dia a dia: não querendo ser sempre o mais “esperto” (no sentido pejorativo da palavra), propagando honestidade, sendo justo, sabendo perdoar e entender os outros, amando-os. Sendo ético e solidário. Nada do que falei acima impede alguém de viver bem o hoje. Pode-se buscar ser todas essas coisas (afinal ninguém é perfeito) e ainda assim, estudar, trabalhar, sair com os amigos, casar, ter filhos... o importante é ter consciência do que se faz e

*usar o nosso livre arbítrio para o bem. Não é porque eu não sou a Madre Teresa ou Martin Luther King que acredito que não posso buscar o caminho de Jesus na minha vida. Todos nós podemos, cada um do nosso jeito, em cada esfera das nossas vidas... Ah, se todos pudessem tentar isso ao mesmo tempo... o mundo seria, sem dúvida, um lugar melhor para se viver”.*⁷³

A transdisciplinaridade suscita aos professores da CRE, uma presença não apenas nas aulas de sua matéria na PUC-Rio, mas acompanhar seus alunos na busca do sentido da vida, participar das reuniões pedagógicas dos departamentos das diversas ciências e discutir com outros professores a missão da CRE na formação integral dos alunos dessa universidade.

Outro desafio que a transdisciplinaridade nos suscita é construir comunidades, dentro da massa universitária estratificada, com inúmeras propostas para o sentido da vida. É aqui e agora, nessa PUC-Rio, onde estamos, que somos chamados a nos “preocuparmos cotidianamente por todas as igrejas”⁷⁴, “nos lembrando especialmente dos pobres (jovens), e isso temos que fazer com muito cuidado”.⁷⁵

Somos frutos de nossos relacionamentos e das experiências pelas quais passamos. Ninguém se constrói sozinho. Seguimos nos descobrindo dia a dia em que cada acerto e cada erro é um passo a mais. É refletindo mas principalmente partilhando, que vamos escrevendo nossa história e entrelaçando-a com a história de outros que se aproximam para nos ajudar a darmos respostas às grandes questões de nossas vidas: Quem somos nós? O que nós somos? À primeira questão basta olharmos para nós mesmos, na nossa intimidade para nos conhecermos. Mas, à segunda, só o outro ao nosso lado pode nos responder. Eis o grande segredo, a alteridade. É o outro, como ele é, quem nos ajuda a entender nossa verdadeira identidade. A sociedade leva nossa juventude a ser-para-si. Porém com os dados da pesquisa nos demos conta de que os jovens que ingressam na PUC-Rio desejam essencialmente se descobrir como um ser-no-mundo.

A realização existencial se faz como um ser em relação no mundo. Onde quer que o encontremos, o ser humano se acha sempre, numa certa medida - quer saiba, quer não - ligado ao mundo. O ser humano considerado em si mesmo é pura

⁷³ **Pedro Henrique de Castro Simões**: aluno do curso de economia da PUC-Rio, cursou Cristianismo com o professor Celso Pinto Carias.

⁷⁴ 2Cor 11, 28.

⁷⁵ Gl 2, 10.

abstração. O mundo do ser humano não pode ser compreendido como o meio-ambiente do animal que é o conjunto de objetos acessíveis aos seus sentidos, condicionados pelas circunstâncias da vida particular do animal.

O ser humano, para além de suas necessidades vitais, pode, e somente ele, ver o mundo como uma totalidade. O ser humano existe em relação ao mundo e o mundo por sua vez só existe em função do ser humano. Se o ser humano é, de certa maneira, determinado pelo mundo, ele pode também determiná-lo, e essa determinação ele a experimenta como intimamente ligada à sua liberdade. O princípio do ser do homem aparece como uma correlação homem-mundo-Deus, a qual, em virtude de sua liberdade ele pode determinar. Determinando livremente sua atitude face ao mundo, ao ser humano e a Deus realiza o princípio de seu ser. Tal princípio é, pois, essencialmente dinâmico. O ser humano realiza sua existência dinamicamente. A atitude do ser humano vai determinar o significado de sua existência, o significado do mundo e o significado de Deus.

Não podemos esquecer também a interdependência entre outras três realidades presentes no evento da relação: o "eu", o mundo e Deus. A realização plena do "evento" depende dos três. O ser humano é compreendido como relação, e o fundamento ou condição de possibilidade de tal relação como de todo relacionamento é Deus. O sentido nasce de um encontro entre o e ser humano e aquele que lhe faz face. O desabrochar definitivo da pessoa é dado na relação com outras pessoas, outras subjetividades, no encontro dialógico.

O ser humano é estabelecido pelo sentido do relacionamento que a sua atitude intencional desenvolve. Do mesmo modo, aquilo que está à frente do eu será instaurado, revelado, descoberto pelo sentido da atitude do eu.

A subjetividade seria o lugar sagrado da preparação, do amadurecimento, do desejo de uma renovação, de um aperfeiçoamento crescente da relação, que levaria à total participação ao Ser. A subjetividade deve ser compreendida como a vibração dinâmica de um eu no interior da verdade solitária que é a sua. Ela é a atmosfera propícia onde amadurece a substância espiritual da pessoa, o lugar em que é possível uma regeneração do ser-separado. O evento da relação, por sua maior ou menor intensidade, no ritmo alternado de potência e de latência ao qual está submetido, constitui a consciência do eu.

A relação dialógica abre realmente caminho para uma compreensão do ser humano, visto que ela revela a dualidade fundamentalmente dinâmica da

existência humana na sua condição histórica. De um lado, a dualidade das atitudes que constroem o ser do humano, e, de outro lado, na relação dialógica, o apelo e a resposta autêntica, fundados na responsabilidade da reciprocidade.

É a formação desse ser humano que a Cultura Religiosa quer se dirigir. É para essa formação integral que a Companhia de Jesus apresenta um Projeto Educativo Comum (PEC). Para isso conclama aos educadores da PUC-Rio a: *“não isolar-se em suas instituições, nem eximir-se das responsabilidades sociais e da construção da história”*. Que seja consciente da rica missão pedagógica deixada por Jesus Cristo e assumida por Santo Inácio. E, afirma ainda que os educadores devem perceber *“as estratégias necessárias para expressar nosso compromisso com o aperfeiçoamento das políticas e práticas da educação”*.

Ainda, o que muito aqui nos interessa na metodologia transdisciplinar, o PEC assume que:

“certas estruturas rígidas inibem as possibilidades de mudança; muitos currículos estão mais centrados em conteúdos do que em valores e competências; existe um exagerado apreço pelo intelectual sobre outras dimensões e áreas que incorporem o estético, o lúdico, o contemplativo e uma educação para a sensibilidade que forme pessoas sensíveis a tudo o que é humano, homens e mulheres para os demais e com os demais”.⁷⁶

Conclusão

Com a metodologia transdisciplinar concluímos a necessidade de perceber o cristianismo como um modo de agir. Nesse terceiro capítulo partimos então para a ação.

Tentamos ver na prática os discernimentos necessários para a práxis cristã da Cultura Religiosa na PUC-Rio. Sabemos que a Universidade nasceu no seio da Igreja. A PUC-Rio enquanto Universidade Católica surgiu no seio de um paradigma empirista. Dentro desse processo, desde seu início, a Cultura Religiosa já se fazia presente. Desde então, num processo contínuo a Ciência Teológica vem tentando marcar sua identidade cristã nesse universo acadêmico. A busca constante por essa identidade cristã está refletida na ação da Cultura Religiosa. É desafiadora essa sua missão. O próprio PEC (Projeto Educativo Comum), anuncia

⁷⁶ Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina (PEC), 2005, p. 12.

a necessidade de abertura da universidade acadêmica a uma nova metodologia capaz de atingir o ser humano de forma integral.

Portanto, está na práxis da Cultura Religiosa uma participação reflexiva no mundo pós-moderno em função da atual sedução do sagrado e da visão mercadológica do mesmo. A Cultura Religiosa deve criar espaços para que o homem religioso tenha seu lugar na universidade. Também, possibilitar uma função estrutural no meio acadêmico ajudando a criação e condições de, no interior da PUC-Rio, atender o ser humano e, ao mesmo tempo, produzir ciência que respeite a complexidade do real. Deve ter e ao mesmo tempo ser uma função estruturante, criadora de espaços de humanização, de centro de debates, discussão e reflexão. A Cultura Religiosa é chamada ainda a criar espaço para as diferentes confissões cristãs e religiosas de se expressarem e ao mesmo tempo defender a fé como uma atitude humana à transcendência.

Para a eficácia dessa práxis sistematizamos as reflexões colhidas da pesquisa do CERIS utilizada como instrumento significativo nessa dissertação, para que, a transdisciplinaridade seja uma metodologia assumida humildemente pela Cultura Religiosa para a eficácia de sua missão.

Após descrever todo o desenvolvimento do saber na humanidade e confrontá-los com a metodologia transdisciplinar alguns questionamentos permanecem: Que objetivos específicos devem ser propostos para essa metodologia? Que programa e conteúdo seguir? Que atividades complementares essa metodologia indica? Que atitudes e cuidados o professor deve se ater?

Percebemos ao longo desse capítulo que precisamos falar aos nossos alunos do que vimos e do que ouvimos através da nossa fé. A transdisciplinaridade nos impulsiona à sabedoria pedagógica de Jesus. O exercício da alteridade então passa ser nosso grande desafio. Antes mesmo da confissão de fé é necessário levar nossos alunos à uma experiência da fé. Vimos pelo testemunho, do aluno de Economia que cursou a disciplina de Cristianismo com o professor Celso Carias, que isso é possível!

Somos muitas vezes, não apenas isolados dos nossos alunos nesse processo, como também, dos nossos colegas que trabalham em outros departamentos, que junto à Cultura Religiosa, dão corpo e identidade à PUC-Rio. Não podemos em nome de nossa fé cristã ser apenas apêndice isolado na PUC-

Rio. Precisamos do envolvimento de todos os setores para o enfrentamento desses isolamentos que só afastam a identidade “*Católica desta Universidade*”.

O isolamento da Cultura Religiosa no interior do Departamento de Teologia e da própria universidade não ajudará a nossa práxis. A transdisciplinaridade não é importante só para se obter a respeitabilidade acadêmica por parte de outros departamentos ou centros, mas principalmente porque nossos objetivos são os de; dentro de nossas disciplinas, abordando temas tais como: salvação, humanismo, solidariedade, ética, religiosidade... mas, fundamentalmente, levar posturas ou perspectivas de viver e conhecer a realidade existencial, humana e social.

É a Cultura Religiosa na PUC-Rio que deve iniciar, na universidade, a abertura de janelas para uma metodologia transdisciplinar. Não temos a pretensão de inserir todos os centros e departamentos dessa universidade na metodologia transdisciplinar, mas, é papel fundamental da Cultura Religiosa exercê-la nessa universidade.